

Extensão e comunicação: Núcleo Educação, Trabalho e Movimentos Sociais na Universidade de Pernambuco, Campus Mata Norte

Volmir José Brutscher¹, Ana Maria Sotero Pereira², Cleiton de Barros Nunes³

Resumo

O objetivo do relato é sistematizar a experiência do Núcleo Educação, Trabalho e Movimentos Sociais, da Universidade de Pernambuco, lançando luz sobre o próprio processo. A metodologia se orienta pela análise dialética, que consiste em analisar e compreender a realidade em relação ao todo, em processo histórico e, portanto, em movimento. Apoia-se na concepção de educação popular contemporânea, tendo em Paulo Freire a principal referência teórica. Como resultado, indica algumas categorias que expressam a realidade e o desejo do Núcleo, a saber: o diálogo, a participação, o estar e o aprender com, a consciência de classe, o sonho e a esperança. Como conclusão, aponta para um processo organizativo que assume a dimensão política da educação, tomando posição ao lado dos trabalhadores e dos movimentos populares, na luta por emancipação e transformação.

Palavras-chave

Educação Popular. Trabalho. Movimentos Sociais Populares. Emancipação. Transformação.

¹ Doutor em Educação pela Universidade Federal da Paraíba, Brasil; professor da Universidade de Pernambuco, Campus Mata Norte, Brasil; membro do Grupo de Pesquisa em Extensão Popular (EXTELAR/UFPB/CNPq). E-mail: volmir.brutscher@upe.br.

² Doutora em Ciências da Educação pela Universidade do Porto, Portugal; professora da Universidade de Pernambuco, Campus Mata Norte, Brasil; membro do Grupo de Estudo e Pesquisa em Políticas Educacionais, Sujeito, Docência e Currículo (POSDOC/UPE/CNPq). E-mail: ana.sotero@upe.br.

³ Doutor em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco, Brasil; professor da Universidade de Pernambuco, Campus Mata Norte, Brasil; membro do Grupo de Pesquisa Poéticas do Cuidado e Ontologias da Resistência (PPGE/UFPE/CNPq). E-mail: cleiton.barros@upe.br.

Extension and communication: Education, Work and Social Movements Nucleus at University of Pernambuco, Campus Mata Norte, Brazil

Volmir José Brutscher⁴, Ana Maria Sotero Pereira⁵, Cleiton de Barros Nunes⁶

Abstract

The objective of the report is to systematize the experience of the Education, Work and Social Movements Nucleus of the University of Pernambuco, shedding light on the process itself. The methodology is guided by dialectical analysis, which consists of analyzing and understanding the reality in relation to the whole, in a historical process and, therefore, in motion. It is based on the concept of contemporary popular education, having Paulo Freire as the main theoretical reference. As a result, it indicates some categories that express the reality and the desire of the Nucleus, namely: dialogue, participation, being and learning with, class consciousness, dream and hope. In conclusion, it points to an organizational process that assumes the political dimension of education, taking a position alongside workers and popular movements, in the struggle for emancipation and transformation.

Keywords

Popular Education. Labor. Popular Social Movements. Emancipation. Transformation.

⁴ PhD in Education, Federal University of Paraíba, Brazil; professor at the University of Pernambuco, Campus Mata Norte, State of Pernambuco, Brazil; member of the Research Group on Popular Extension (EXTELAR/UFPB/CNPq). E-mail: volmir.brutscher@upe.br.

⁵ PhD in Educational Sciences, University of Porto, Portugal; professor at the University of Pernambuco, Campus Mata Norte, State of Pernambuco, Brazil; member of the Study and Research Group on Educational Policies, Subject, Teaching and Curriculum (POSDOC/UPE/CNPq). E-mail: ana.sotero@upe.br.

⁶ PhD in Education, Federal University of Pernambuco, State of Pernambuco, Brazil; professor at the University of Pernambuco, Campus Mata Norte, State of Pernambuco, Brazil; member of the Research Group "Poetics of Care and Ontologies of Resistance" (PPGE/UFPE/CNPq). E-mail: cleiton.barros@upe.br.

Introdução

Um dos problemas históricos e centrais do Brasil é a desigualdade social, com agravantes para os povos do campo e das periferias urbanas. O país se formou, desde a sua origem, com uma absurda divisão de classes em que ficou convencionada a necessidade de haver uma elite para empreender e dar o direcionamento político; aos trabalhadores e pobres, em geral, cabe apenas seguir as orientações e as ideologias da elite e trabalhar de forma absolutamente subordinada. Obviamente, a direção política e econômica dada pela classe dominante sempre foi pela manutenção da ordem vigente.

Diante desse quadro, os movimentos sociais populares cumprem um papel importante, à medida que organizam as classes dominadas e exploradas para combater essa ordem e construir outro projeto de sociedade, pautado pelo desenvolvimento social, econômico, ambiental e cultural, na perspectiva de combater e enfrentar as desigualdades e as injustiças, valorizando as diferenças e a diversidade. No entanto, nos últimos anos, a conjuntura política nacional foi tomada por estratégias de desmonte das instituições democráticas, perseguição política aos movimentos sociais e aos opositores e/ou contrários às propostas do atual governo. Tal conjuntura fragilizou a participação política e impediu o avanço da democracia em nosso país, reprimindo iniciativas e perspectivas de transformação e emancipação.

A equipe do Governo Federal que se instalou desde 2016 e se revigorou em 2018 empenhou-se em promover políticas capazes de recolocar e defender a velha ordem. Várias reformas (Teto de Gastos Públicos, Reforma Trabalhista, Reforma da Previdência, com retirada ou redução de direitos, corte de verbas para a pesquisa, educação, projetos sociais, entre outros) foram feitas para alinhar o Estado ao capital – sem questionar e estabelecer teto para o orçamento federal destinado ao pagamento de juros e amortização da dívida pública, que foi superior a 50% de todo o orçamento anual de 2021 e de 2022 (AUDITORIA CIDADÃ DA DÍVIDA, 2022) –, tornando efetiva a concepção de Estado mínimo, impactando negativamente na implantação e implementação de políticas sociais, comprometendo direitos e condições mínimas de dignidade de muitas trabalhadoras e trabalhadores brasileiros. A educação e a saúde encontram-se com os orçamentos congelados desde 2018, por um período de 20 anos, se não for alterada, podendo apenas serem corrigidos com base na inflação (EC 95/2016).

No campo, o ambiente é de favorecimento ao agronegócio e de criminalização dos movimentos populares. O Decreto nº 10.252, de 20 de fevereiro de 2020, reestruturou o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), responsável pela gestão do

Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA), e as políticas de educação do campo foram duramente afetadas, ficando sem apoio técnico e financeiro. O que, por outro lado, se torna terreno fértil para a mobilização, articulação e fortalecimento dos movimentos sociais populares, enquanto coletivo de luta e resistência.

As organizações populares do campo nunca tiveram “vida fácil”; todas as conquistas resultam de muita organização, mobilização e luta. Está sendo assim com os Assentamentos da Reforma Agrária, com as Políticas de Educação do Campo e, de forma geral, com as políticas públicas para o desenvolvimento do campo, incluindo a agricultura familiar e a produção agroecológica. Assim, nota-se a importância da promoção de processos que favoreçam a reflexão e a articulação na perspectiva do fortalecimento dos movimentos sociais populares e das políticas públicas educacionais e de desenvolvimento por eles defendidas, contribuindo no enfrentamento das desigualdades sociais e injustiças inadmissíveis existentes no Brasil e no mundo.

O Núcleo Educação, Trabalho e Movimentos Sociais, em implantação desde 2019, na UPE Campus Mata Norte, tem por objetivo promover a práxis (ação e reflexão) acerca da educação e do trabalho na perspectiva dos movimentos sociais populares, considerando a realidade e a conjuntura nacional e internacional; estimular um processo participativo interno (docentes e discentes da UPE) e externo, com a participação de representantes dos movimentos sociais populares de Pernambuco, primando por um processo orgânico, dialógico, crítico e propositivo. Espera-se que o Núcleo contribua para aproximar, cada vez mais, a UPE das causas e perspectivas dos movimentos sociais populares, bem como para sensibilizar e qualificar estudantes e lideranças para as questões latentes que envolvem os sujeitos populares, abordadas no Núcleo, enquanto espaço de reflexão, formação e ação.

O Núcleo possibilita a reflexão permanente acerca da educação e trabalho na perspectiva dos movimentos sociais populares e o contato e interação direta dos estudantes com os representantes das organizações, aprendendo com eles o propósito do que defendem para as políticas públicas sociais e para o desenvolvimento socioeconômico do Brasil. Possibilita ainda a articulação local e regional, a formação de lideranças, a promoção do diálogo intercultural e o desenvolvimento de projetos de ensino, pesquisa e extensão voltados para o fortalecimento dos movimentos sociais e para o desenvolvimento local sustentável.

Nessa perspectiva, o Núcleo insere-se na política de curricularização da extensão universitária da UPE, tentando ser um espaço ou processo de articulação entre a comunidade interna e externa, promovendo o diálogo intercultural entre academia e movimentos sociais populares, bem como a integração entre ensino, pesquisa e extensão.

Educação popular

O Núcleo Educação, Trabalho e Movimentos Sociais situa-se no referencial teórico da educação popular contemporânea, que tem em Paulo Freire um dos seus principais expoentes. Segundo Freire, o termo “popular” é parte substantiva do termo “educação”, e a qualifica, isto é, a constitui como determinada concepção de educação, que se caracteriza por inverter polos centrais da educação tradicional e burguesa: os objetivos, os sujeitos e a metodologia.

Antes de abordar estes polos, é importante tratar o contexto em que a educação popular surge e se desenvolve, e o conceito que a concebe. Em relação ao contexto, a educação popular nasce e se fortalece na opressão, em ambiente de resistência e luta por igualdade social. O termo “resistência” parece ser redescoberto na atual conjuntura. A educação popular se desenvolve com um jeito próprio em cada país da América Latina e, mais tarde, da África e de outros continentes, porém, mantendo uma unidade: a luta contra a exploração e dominação exercida pela lógica dos interesses imperialistas e de seus aliados locais (BRUTSCHER, 2017). Resistência contra as desigualdades e injustiças sociais; contra todos os tipos de dominação e opressão. Os movimentos sociais populares sabem exatamente o que significa resistência e a importância da educação para auxiliar no enfrentamento da realidade e de seus problemas.

A educação popular contemporânea é complexa e difícil de ser abarcada num conceito, mas, entre vários aspectos importantes, a sua vinculação com uma perspectiva política, um projeto político democrático e popular é, provavelmente, o que melhor a conceitua. Ela não se esconde na pseudoneutralidade, mas assume a perspectiva política da educação e explicita seu compromisso com as causas populares. Encontramos nesse ponto uma identificação enorme com a Educação do Campo, que se distingue da educação rural exatamente pelo posicionamento e compromisso com um projeto político de desenvolvimento, principalmente do campo, com a valorização da cultura, identidade e subjetividades dos sujeitos do campo e da vida dos camponeses. De forma geral, os movimentos sociais populares assumem essa perspectiva política. Uma política de permanência, de autoestima, de desenvolvimento, de equipamentos sociais e tecnológicos, de identidade cultural e de qualidade de vida no campo e nas comunidades.

Tendo abordado o contexto e o conceito, pode-se tratar dos demais polos acima anunciados, a saber: objetivo, sujeitos e metodologia. Em relação ao objetivo geral da educação popular contemporânea, pode-se afirmar que é promover a transformação. Diferentemente da educação tradicional, que, historicamente, no Brasil e América Latina,

contribuiu para reproduzir e manter a ordem vigente, a educação popular se empenha em transformar o sistema social, construído e sustentado na base das desigualdades socioeconômicas, das classes sociais, da exploração e da injustiça. Para isso, pretende tanto transformar as estruturas, o que passa pelos marcos normativos e pelas políticas públicas, quanto as relações de poder que se estabelecem, o que passa pela forma, pelo diálogo e pela confiança em si e no outro. Os movimentos sociais populares se identificam e assumem essa perspectiva transformadora, mesmo que, na prática, ainda estejam lutando contra as estruturas e aprendendo a lidar com as relações de poder.

Como não poderia ser diferente, os principais sujeitos da educação popular contemporânea são os próprios oprimidos. Freire (2003), referindo-se à *Pedagogia do Oprimido*, afirma: “aquela que tem de ser forjada com ele e não para ele, enquanto homens ou povos, na luta incessante de recuperação de sua humanidade. Pedagogia que faça da opressão e de suas causas objeto da reflexão dos oprimidos, de que resultará o seu engajamento necessário na luta por sua libertação, em que essa pedagogia se fará e refará” (FREIRE, 2003, p. 32). Obviamente, os sujeitos não são quaisquer oprimidos, mas são os oprimidos organizados, organizados em sujeitos coletivos, em organizações e movimentos. Chegamos novamente à identificação da educação popular contemporânea com os movimentos sociais populares.

Metodologia

Para entender a metodologia, é importante explicitar melhor as características e a concepção do Núcleo Educação, Trabalho e Movimentos Sociais. Vamos iniciar essa explicação pelos movimentos sociais envolvidos. Os movimentos sociais não são todos iguais. Em geral, os movimentos sociais têm em comum uma causa social, que mobiliza política e coletivamente uma parcela da sociedade (GOHN, 2014). Contudo, há movimentos sociais conservadores, que se mobilizam pela manutenção da ordem social vigente. Lutam contra possíveis mudanças que ameaçam essa ordem, que de alguma forma lhes agrada ou beneficia, seja por questões morais, privilégios e/ou status. Por outro lado, existem movimentos sociais progressistas, que se articulam e lutam por mudanças e pela transformação da realidade, porque a situação e a ordem vigente não lhes servem e eles não a aceitam, então, se organizam em função do combate às injustiças e opressões e pela conquista de direitos e de dignidade. São com esses últimos que o Núcleo conta e opera, também conhecidos como movimentos sociais populares, porque são comprometidos com as causas

das classes populares. O que representa um recorte político são movimentos populares preocupados com a situação dos trabalhadores e comprometidos com as causas e interesses desse segmento ou classe.

Vinculada à situação dos trabalhadores, encontramos a concepção de trabalho com a qual o Núcleo opera. Segundo Marx e Engels (2002), na base de tudo estão as relações sociais de produção da existência humana, ou seja, o trabalho. Para eles, não é a consciência que condiciona a existência, mas é a realidade da vida que forma e condiciona a consciência. Por isso, acreditam que a história avança quando ocorrem mudanças na base produtiva, provocadas pela luta de classes (BRUTSCHER, 2005). O trabalho coloca em evidência a relação de poder em exercício entre os donos dos meios de produção e os que empregam a sua força de trabalho e os trabalhadores autônomos, isto é, entre o capital e o trabalho, ou seja, entre classes.

É na perspectiva de classe que o conceito de trabalho se torna caro para o Núcleo e se aproxima do conceito de movimentos sociais populares e, por sua vez, ambos se vinculam à educação popular contemporânea - concepção que assume abertamente a dimensão política da educação e toma posição ao lado dos trabalhadores, das trabalhadoras e dos movimentos populares na construção de um projeto sociopolítico emancipatório.

Na metodologia da educação popular contemporânea, cabe destacar dois aspectos centrais: 1) partir da realidade dos sujeitos envolvidos, dos seus saberes e das suas necessidades e potencialidades, refletindo, problematizando e construindo alternativas com eles; 2) educar a partir da organização dos sujeitos sociais populares, seja em torno do trabalho, do atendimento às necessidades ou, ainda, em torno da luta por direitos e projeto de sociedade. É a formação que acontece inerente aos processos organizativos e nos estudos e reflexões que deles decorrem. São dois elementos político-pedagógicos fundamentais da educação popular contemporânea e dos movimentos sociais populares que se inserem numa concepção mais ampla da realidade: a dialética.

O Núcleo está se orientando pelas bases do materialismo histórico e dialético, que consiste em analisar e compreender a realidade da vida (subjetiva e coletiva) em relação ao conjunto (à totalidade), em processo histórico e, portanto, em movimento, realizando um processo ordenado de abstração que, segundo Oscar Jara Holliday (2006), consiste em desmembrar os diversos componentes do objeto, seja ele um fato, um acontecimento, um discurso ou uma conjuntura, procurando desvelar e entender as particularidades de cada componente, para, então, novamente, relacioná-las com a dinâmica da totalidade dos elementos que compõem o conjunto da realidade, alcançando uma visão ampla da realidade

toda em sua complexidade de movimento histórico. É a partir dessa concepção e abordagem que se procede com a realização das atividades do Núcleo, tanto as reuniões, as rodas de diálogo, os seminários, os cursos, os projetos e ações de intervenção, bem como a sistematização da experiência em forma de produção compartilhada do conhecimento.

Análise e Discussão

O Núcleo é formado por representantes dos movimentos sociais populares e por representantes da comunidade acadêmica. Envolve movimentos diferentes, mas todos do campo democrático e popular, ou seja, movimentos sociais populares. Também envolve cursos diversos, vários docentes e discentes desses. A iniciativa ainda é relativamente recente, ainda tem muito que andar, aliás, terá que fazer a sua história caminhando permanentemente, seguindo e ajudando a imprimir ritmo na história, sempre aberta, dialética e por ser feita.

Para refletir e sistematizar a experiência, num misto de realidade e desejo, vamos abordar e discutir a realidade do Núcleo a partir das seguintes categorias: diálogo, participação, estar e aprender com, consciência de classe, sonho e esperança, tendo em Paulo Freire a principal referência teórica.

Diálogo

O Diálogo é o ponto de partida e de chegada do Núcleo, isto é, só faz sentido existir dentro desse arcabouço. Para Freire, o diálogo é uma condição existencial. Significa que cada um, bem como o mundo e a existência, se constitui na comunicação e na relação com os outros. Filosoficamente o eu se reconhece e se afirma como sujeito de posicionamento e atitude na relação com o tu. Epistemologicamente, a produção do conhecimento requer o diálogo comunicativo entre sujeitos, em torno da realidade, para a apropriação e significação das coisas. Pedagogicamente, as pessoas aprendem umas com as outras, a partir da informação, problematização e comunicação. Para Freire (2003), ninguém educa ninguém, ninguém se educa sozinho, as pessoas se educam em comunhão. Por isso, a atitude de educar não pode ser um simples ato de transmissão de conteúdo de um para outro. Em *Pedagogia da Autonomia*, Freire (2002, p. 52) afirma: “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.”

Coerente com esse entendimento, o Núcleo busca exercer o diálogo aberto e franco, que vai dando forma e direção ao processo. Apesar da existência de algumas atividades

estruturais, como reuniões periódicas, Minicurso Extensão Popular, Seminário Educação em Movimento, Jornada Universitária da Reforma Agrária, Simpósio Educação Popular, Direitos Humanos e Movimentos Sociais, elas são definidas, discutidas, planejadas e executadas com os movimentos populares no processo. Contudo, a realidade e a conjuntura, especialmente dos movimentos populares, se impõem. Nesse sentido, os representantes dos movimentos destacam a importância de trazer os movimentos do campo para dentro da Universidade, a fim de combater e enfrentar a cultura introjetada de que o trabalhador do campo não tem necessidade de estudar para além das séries iniciais da educação básica, conforme referenda o Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra (MST); a importância dos movimentos populares “esperançar com outros espaços”, como os acadêmicos e os de gestão pública; a dificuldade em relação à moradia mesmo com a lei de despejo zero em vigor em função da pandemia, conforme alertam o Movimento de Trabalhadores Sem Teto (MTST) e o Movimento de Luta por Teto, Terra e Trabalho (MLTT); dados do número crescente da fome na zona da Mata Norte de Pernambuco, segundo a Comissão Pastoral da Terra (CPT); a importância de fortalecer o trabalho que as organizações desenvolvem com as mulheres, como é o caso da Associação de Mulheres de Nazaré da Mata (AMUNAM), no sentido de promover o protagonismo delas, considerando que muitas vezes foram ou ainda são silenciadas.

A realidade destacada pelos movimentos é desafiadora e dinâmica e se constitui em insumo do diálogo permanente do Núcleo, no sentido de elaborar narrativas e discursos que possam contribuir no adequado enfrentamento daquela, bem como para elaborar iniciativas e projetos de intervenção e transformação.

Participação

A participação é a irmã gêmea do diálogo. A participação, às vezes, é condição para a existência do diálogo e, geralmente, ela significa a concretização dele. Recorrendo ao dicionário, podemos perceber que participação significa “fazer parte em” ou “tomar parte de”. O termo em si já é revelador: “parti[cip]ação”. Além de conter a ideia de parte, sugere ação. Portanto, participação representa pertencimento e atitude. Ela pode se dar no nível da ação e/ou da proposição. A ação é o nível mais imediato, de se fazer presente e de fazer a sua parte. A proposição é o nível da participação com ideias e estratégias de pensar e conduzir os rumos do todo. É a participação mais completa, responsável e proativa. É a participação desejada e cobrada dos sujeitos e movimentos que não aceitam a situação de desigualdade e injustiça e buscam a transformação. O núcleo, o coletivo, a sociedade, depende de cada um se fazer

presente, de fazer bem a parte que lhe cabe e de contribuir com ideias e propostas que possam ajudar a resolver os problemas e encontrar soluções para o bem-estar de todos.

Para Freire (2002), assim como o diálogo, a participação é uma condição do ser humano, que nasce inacabado e que se faz na relação, na colaboração e em comunhão. Assim como ninguém se educa sozinho, também ninguém liberta ninguém e nem se liberta sozinho das injustiças e opressões, mas as pessoas se libertam juntas, se organizando e atuando unidas e em comunhão. Por isso, a participação é uma categoria cara ao Núcleo, tanto no sentido para a própria existência, quanto para a atuação mais ampla junto aos movimentos populares. Assim ganha sentido o relato da representante do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST), descrevendo suas atividades na creche nomeada Marielle Franco, dentro da ocupação Carolina de Jesus, localizada na região metropolitana de Recife, em que o trabalho se volta para o cuidado às crianças, lutando e prezando por alimentação e moradia segura. Na mesma ocupação, um mestrando do PPGE/UPE e militante do MTST, comenta sobre a organização e criação da escola popular de jovens e adultos, a fim de potencializar os sujeitos com discussões apropriadas para a sua realidade de adultos, trabalhadores e sem teto, mas engajados na luta por transformação, justiça, direitos e dignidade. Ficando o Núcleo com o desafio de potencializar a participação, principalmente a propositiva, nesses espaços e em outros, mas sempre com a perspectiva do aprender com.

Estar e aprender com

Aprender com – com os outros, com os iguais e com os diferentes –, requer humildade. Requer admitir que ninguém é completo e autossuficiente e que juntos se pode aprender mais e melhor. Freire reconhece que suas mãos, habituadas com atividades típicas de classe média, são diferentes das mãos de muitos trabalhadores, forjadas em atividades pesadas, muitas vezes sujas, expostas ao calor e ao frio, mas, ainda assim, ele entende que tem algo a contribuir com os trabalhadores desde que disposto a aprender com eles: “é que essa contribuição só é válida na medida em que eu sou capaz de partir do nível em que a massa está e, portanto, de aprender com ela.” (FREIRE, 2007, p. 40). Em outra passagem Freire (2003) chama atenção daqueles que se consideram mais do que outros e diz que precisam caminhar muito para chegar ao lugar de encontro:

Se alguém não é capaz de sentir-se e saber-se tão homem quanto os outros, é que lhe falta ainda muito que caminhar, para chegar ao lugar de encontro com eles. Neste lugar de encontro, não há ignorantes absolutos, nem sábios

absolutos: há homens que, em comunhão, buscam saber mais. (FREIRE, 2003, p. 81).

O lugar de encontro requer humildade e disposição de estar e aprender com, de estar aberto para o diálogo e para a participação democrática. O que leva para a inserção orgânica e, por outro lado, para a autonomia. O estar, o aprender e o fazer com talvez sejam as principais características da educação popular contemporânea. Diferente de fazer para ou por alguém, é fazer com alguém ou com um coletivo. “Não penso autenticamente se os outros também não pensam. Simplesmente, não posso pensar pelos outros nem para os outros nem sem os outros.” (FREIRE, 2002, p. 117). O com é uma condição de autenticidade do ser humano. Fazer com revela outro compromisso e potencial transformador e emancipatório. O Núcleo se concebe e se exerce nessa dinâmica do estar, aprender e fazer com. De antemão, não tem soluções diante da realidade e conjuntura extremamente difíceis para as classes e os movimentos populares, mas se coloca no processo de estar com, efetivando o principal objetivo do Núcleo, que é aproximar universidade e movimentos e comprometer um(a) com o outro, trazendo os movimentos sociais populares para o meio acadêmico e inserindo os professores e estudantes nos movimentos, confiando que, assim, contribua para a autenticidade do processo de transformação e emancipação.

Consciência de classe

A consciência de classe é fundamental para os trabalhadores e trabalhadoras e, conseqüentemente, para os movimentos sociais populares. A consciência é um conceito destacado por Freire, tanto no sentido da análise da transitividade entre ingenuidade e criticidade, como para pensar a realidade nacional e, principalmente, para compreender a situação e a luta de classe. Contudo, para Freire (2003), a consciência subjetiva, de mulher e de homem oprimido, proibidos de serem, é condição de possibilidade para a consciência de classe: “Descobrirem-se [...] significa, num primeiro momento, que se descubram como Pedro, Antônio, como Josefa, com toda a significação profunda que tem essa descoberta” (FREIRE, 2003, p. 173). Por outro lado, o autor admite que a consciência de classe se efetiva e consolida na luta. A percepção da situação de opressão é fundamental, mas não é o suficiente, precisa engajamento, organização e luta para transformar essa realidade. A transformação e/ou emancipação requer o processo dialético da práxis, da ação- reflexão, e na organicidade da luta, na organização e ação coletiva, esse processo acontece mais facilmente,

porque os outros nos ajudam a pensar melhor, mais autenticamente. O Núcleo se constitui como mais um espaço ou processo que busca colaborar para essa autenticidade dialética, em que todos aprendem no exercício coletivo e democrático, mas com clareza de classe e de projeto de sociedade com que sonha e pela qual luta.

Sonho e esperança

O sonho e a esperança são fundamentais para animar a organização e a luta por emancipação e transformação. Segundo Freire (2002b), muitos o criticavam por não assumir, na *Pedagogia do Oprimido*, a luta de classe como o motor da história. Entendia que a luta de classe era um dos motores da história, inclusive um dos principais, mas não o único. Em *Pedagogia da Esperança* escreveu: “não é possível entender a história sem as classes sociais, sem seus interesses em choque. A luta de classes não é o motor da História, mas certamente é um deles” (FREIRE, 2002b, p. 91). Freire acreditava e defendia que o sonho também era um dos motores da história. “Sonhar não é apenas um ato político necessário, mas também uma conotação da forma histórico-social de estar sendo de mulheres e homens” (FREIRE, 2002b, p. 91). E, na sequência, complementa que mulheres e homens, assumindo-se como “seres da inserção no mundo e não da pura adaptação [...], terminaram por ter no sonho também um motor da história. Não há mudança sem sonho como não há sonho sem esperança” (FREIRE, 2002b, p. 91).

Para Freire, a esperança se encontra na essência antropológica do ser humano enquanto ser consciente da sua inconclusão e vocacionado a ser mais, o que o leva à constante busca. Seria uma grande contradição saber-se inacabado e não buscar ser mais. A esperança não é “um cruzar de braços e esperar. Movo-me na esperança enquanto luto e, se luto com esperança, espero” (FREIRE, 2003, p. 82). A esperança da transformação faz acreditar e seguir um horizonte, faz caminhar orientado por um projeto. A esperança alimenta a dialética da “paciência impaciente”. No fundo, é a esperança que dá as condições para o agir persistente, emancipador e transformador.

Entende-se que o sonho e a esperança são fundamentais para animar e orientar o Núcleo na disputa de projetos de sociedade, na perspectiva da emancipação e transformação, bem como a consciência de classe, o estar e aprender com, a participação e o diálogo.

Considerações finais

O Núcleo Educação, Trabalho e Movimentos Sociais, se constitui numa proposta de integração entre ensino, pesquisa e extensão, através da articulação entre cursos de licenciatura, especialmente Pedagogia, Geografia e Letras, e o Programa de Educação (PPGE), em parceria com vários movimentos sociais populares do estado de Pernambuco e, ainda, timidamente, com órgãos públicos, como a Gerência Regional de Educação (GRE) e secretarias municipais de educação.

É importante lembrar que a educação popular contemporânea é a “fonte” em que os movimentos sociais populares “bebem” para “hidratar-se” na luta da permanente disputa de projetos de sociedade. Nessa disputa, todos os aspectos da educação popular contemporânea abordados são importantes ao Núcleo, mas centralmente o aspecto conceitual que combate a pseudoneutralidade e que assume abertamente a perspectiva política dessa disputa, tomando posição ao lado dos trabalhadores e das classes e movimentos populares, sem defender o sectarismo e a intolerância, mas, pelo contrário, o diálogo, o respeito, a diversidade, a justiça, os direitos, a igualdade de dignidade, a democracia, na perspectiva da transformação e da emancipação de todas as formas de opressão, em especial a de classe.

Referências

ARROYO, M. G.; CALDART, R. S.; MOLINA, M. C. (org.). **Por uma educação do campo**. 5. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2011.

AUDITORIA CIDADÃ DA DÍVIDA. **Congresso aprova PLOA 2022 com mais de R\$ 2,4 trilhões destinados ao pagamento da Dívida**, 22 dez. 2021. Disponível em: <https://auditoriacidadada.org.br/congresso-aprova-ploa-2022-com-mais-de-r-24-trilhoes-destinados-ao-pagamento-da-divida/#:~:text=Not%C3%ADcias-,Congresso%20aprova%20PLOA%202022%20com%20mais%20de%20R%24%20%2C4,destinados%20ao%20pagamento%20da%20D%C3%ADvida>. Acesso em: 22 jun. 2022.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria Geral. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Decreto nº 10.252, de 20 de fevereiro de 2020**. Aprova a Estrutura Regimental, o Quadro Demonstrativo dos Cargos em Comissão e das Funções de Confiança do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - Incra, e remaneja cargos em comissão e funções de confiança. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato2019-2022/2020/Decreto/D10252.htm. Acesso em: 20 mar. 2020.

BRUTSCHER, V. **Educação e conhecimento em Paulo Freire**. Passo Fundo: IFIBE: IPF, 2005.

BRUTSCHER, V. **Discursos da educação popular contemporânea**: encontros com Michel Foucault e Paulo Freire. 2017. 252 f. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Educação, Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/9874/2/Arquivototal.pdf>. Acesso em: 15 set. 2022.

CALDART, R. S. A escola do campo em movimento. *In*: ARROYO, M. G.; CALDART, R. S.; MOLINA, M. C. (org.). **Por uma educação do campo**. 5. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2011. p. 87-128.

FREIRE, P. Pacientes impacientes: Paulo Freire. *In*: BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. **Caderno de Educação Popular**. Brasília: Ministério da Saúde, 2007. p. 32-45. (Série B. Textos Básicos de Saúde). Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/caderno_educacao_popular_saude_p1.pdf. Acesso em: 10 out. 2022.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança**. 9. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002b.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 35. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

GOHN, M. G. **Teorias dos movimentos sociais**: paradigmas clássicos e contemporâneos. 11. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

JARA, H., O. **Para sistematizar experiências**. Tradução de Maria Viviana V. Resende. 2. ed. rev. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2006. (Série Monitoramento e Avaliação, 2). Disponível em: <http://www.edpopsus.epsjv.fiocruz.br/sites/default/files/oscar-jara-para-sistematizar-experic3aancias1.pdf>. Acesso em: 15 out. 2022.

LINS, L. T. Teorias sobre os movimentos sociais: projetos de sociedade em disputa. *In*: FIGUEIREDO, J. B. de A.; VERAS, C. I. M.; LINS, L. T. (org.). **Educação popular e movimentos sociais**: experiências e desafios. Fortaleza: Impreço, 2016. p. 12-33.

MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. Tradução de Luis Claudio de Castro e Costa. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.